

PMs caem de helicóptero e morrem

Tragédia aconteceu na Candangolândia quando os três policiais desciam por uma corda de náilon

LAYRCE DE LIMA

O segundo sargento Laércio Pereira de Almeida e os cabos Marcelo Roberto Assis Rocha e Ricardo Everton Messias Kucler morreram ontem à tarde depois de caírem do helicóptero prefixo PTH-RH da Polícia Federal, no Setor de Oficinas da Candangolândia, a 300 metros da DF-003. Pendurados em duas cordas de náilon reforçadas com fibras de algodão, os três integrantes da Companhia de Polícia Florestal da PM sobrevoavam a quadra 1, às 16h30, quando sofreram uma queda livre rumo aos telhados das casas.

O impacto da queda mutilou os três corpos. Um deles espatifou-se após chocar-se com a mureta de uma laje e caiu em cima do telhado da casa 06, conjunto B da QOF. O outro teve o corpo dividido ao meio após cair sobre o muro de uma casa do Conjunto H. O terceiro bateu diretamente no chão, perto das garagens de duas casas da Quadra 01. De acordo com a versão da Polícia Militar, os três estavam presos em um cabo de náilon e algodão, próprio para a prática de **rappel** (descida em corda). A altitude em que o helicóptero estava quando aconteceu o acidente não havia sido definida até o fechamento desta edição. "Para o **rappel**, o helicóptero deve ficar entre 20 e 50 metros do chão", explicou o cabo João Bosco, também da Polícia Florestal.

Sindicância - O governador Cristovam Buarque determinou, no início da noite, a abertura de sindicância da Secretaria de Segurança Pública para apurar os motivos do acidente. O secretário de Comunicação Social, Luiz Gonzaga Motta, anunciou que "todo o apoio será prestado às famílias".

De acordo com a PM, a queda foi causada pelo rompimento dos cabos de náilon que prendiam os três soldados ao helicóptero. Na versão da Polícia Federal, a queda foi causada pela falta de um nó de segurança nos cabos. O helicóptero da PF e os cabos estão sob a guarda de agentes federais, no Aeroporto Internacional de Brasília, e já foram periciados pela Aeronáutica, que também abrirá inquérito para investigar o acidente. Além da Aeronáutica, também serão abertos outros três inquéritos pelas polícias Federal, Civil e Militar, sendo que este último será comandado pelo tenente-coronel Márcio Augusto Correia. O nome do piloto, que era da Polícia Federal, não foi divulgado.

Ensaio - O treinamento da equipe era um ensaio do que aconteceria durante a passagem do comando da Polícia Florestal, segunda-feira, às 10h00, durante a cerimônia de passagem de comando do major Júlio César da Silva para o major Luís Henrique Fonseca. O major, o sargento e os dois cabos desciriam do helicóptero com a Bandeira Nacional. A função dos dois cabos e do sargento mortos seria auxiliar o major Fonseca na tarefa de conduzi-la, aterrissando no Quartel da Polícia Florestal. O major Fonseca também participava do ensaio e foi o único a não se pendurar nos cabos na hora da queda.

De acordo com o tenente-coronel Antônio Coelho Vítola, chefe da Comunicação Social da Polícia Militar, os três soldados ainda estavam de pé, nos esquis do helicópteros, mas presos apenas pelos cabos. Major Fonseca seria o próximo a se pendurar, quando aconteceu o acidente. "Ele está muito chocado, pois teve de ir no helicóptero até o hangar do aeroporto para depois voltar para saber o que tinha acontecido".

Perícia - Depois do acidente, o helicóptero da Polícia Federal PTH-RH, modelo Bel 412, foi para o hangar 2 do Aeroporto Internacional de Brasília. Peritos da Aeronáutica, da Polícia Civil e da Polícia Federal foram, ontem, ao hangar fazer a perícia no helicóptero e depois voltaram ao local do acidente para continuar o trabalho.

Segundo a versão da Polícia Federal, o acidente teria sido provocado por falha humana. Os policiais em treinamento deveriam ter dado o nó de segurança na corda para garantir o exercício. Mas, segundo a PM, a corda, que é equipamento da Polícia Federal, não resistiu ao peso e rompeu-se.



Fotos: Davi Zocoli

Impacto da queda desfigurou os corpos. Um chocou-se com mureta da cobertura de uma das casas e depois ficou no telhado. Bombeiros desceram o corpo para reconhecimento



Mesmo com a área isolada pela polícia e pelos bombeiros, muitos curiosos e moradores se concentraram próximo ao local do acidente

Moradores têm diferentes versões

Os cinco minutos que separaram a queda dos três militares da chegada da polícia foram tempo suficiente para que os moradores do Setor de Oficinas da Candangolândia corressem ao local para tentar salvá-los. As versões que cada um tem do acidente e das lesões sofridas pelos policiais são contraditórias. Depois da chegada dos bombeiros e da PM, um cordão de segurança foi instalado ao redor das casas para impedir a entrada de curiosos. Até mesmo os moradores das residências cercadas foram barrados pela polícia e tiveram que se identificar para poder entrar.

Na opinião do comerciante Denísio Rodrigues Mello, o treinamento não parecia sério. "Para mim eles estavam só brincando", conta. "Deram umas quatro voltas por cima das casas, pendurados nas cordas". Fernando Guimarães, mecânico no lote C da QOF, confirma a versão. "Eles ficaram pendurados muito tempo, depois caíram".

A menina Laiana de Moraes Barbosa, de 12 anos, contou que assistiu o sobrevôo dos militares mas não viu a queda. "Quando cheguei lá,

só deu pra ver que um deles tinha batido o peito no muro, e estava com a barriga cortada e sem cabeça". Embora outros moradores garantissem que um dos militares foi degolado, a Polícia Militar não confirmou a informação.

O dono da mecânica Moura tem uma versão diferente. "Eles estavam sobrevoando a área de cerrado, depois fizeram três ou quatro voltas por cima das casas, dentro do helicóptero. Quando começaram a se pendurar eles caíram". Ainda de acordo com Moura, um dos militares encolheu o corpo e envolveu a cabeça com os braços, tentando se proteger do impacto. "Corremos pra ajudar mas, vimos que não havia mais o que fazer porque os corpos estavam todos despedaçados", afirmou.

Embora desminta a versão de que os militares tenham dado um longo sobrevôo pendurados no helicóptero, Moura também discorda da versão da Polícia Militar sobre o rompimento dos cabos. "Se o cabo rompeu, deveria haver uma parte dele junto com os corpos, e nós não vimos nada disso", duvida. (LL)

Emoção entre colegas e parentes

Mais de 50 militares entre bombeiros, policiais florestais, homens da PM foram deslocados para o local do acidente. Cerca de meia hora depois da queda, peritos da polícia civil e militar já estavam no local. Colegas dos três militares mortos também foram ao Setor de Oficinas, surpresos com a ocorrência. O clima de comoção, porém, só tomou conta dos companheiros dos cabos Marcelo e Kugler e do sargento Laércio, depois da chegada de alguns parentes.

Descritos como policiais responsáveis e bem treinados, os três militares mortos eram oriundos do Batalhão de Choque da Polícia Militar. "Eles já trabalharam junto com o major Fonseca na tropa de choque, por isto foram escolhidos para descer com a bandeira", lamentava um oficial. Um outro sargento, contestava a versão dos superiores de que os três foram voluntários para realizar a cerimônia. "Eles não queriam fazer aquilo", repetia.

Abalado, Joel Augusto de Almeida, pai do sargento Laércio, teve que ser socorrido em uma ambulância da polícia civil. Chorando muito ele repetia que havia alertado o filho para o perigo de sua profissão. "Eu avisei, ele já tinha quebrado a perna". De acordo com o primo do sargento, Dêlcio Almeida,

Laércio já havia caído há cerca de quatro meses, praticando o mesmo exercício de **rappel**. "Ele quebrou a perna e ficou muito tempo parado, ninguém sabia que ele ia fazer isso de novo", lamentou.

Segurança - A Comunicação Social da Polícia Militar não contestou a informação da família de Laércio, mas insistiu que os três militares eram treinados para a prática do **rappel**. "Eles tinham mais de 300 descidas dessas", garantiu o coronel Antônio Vítola.

Surpreso com a morte do militar depois da queda no telhado de sua casa, o tapeceiro João Cirilo, morador da casa 06, na QOF, questionou a realização de um exercício desse tipo em área residencial. "Minha mulher viu tudo e não consegue tirar isso da cabeça. Isso não poderia ser feito na cidade e sim em área reservada". Em resposta, a Comunicação Social da PM informou que os treinamentos também têm o propósito de permitir a chegada de policiais em telhados de casas para o salvamento de reféns nos casos de assaltos ou seqüestros. "São totalmente seguros", garantiu Vítola. De acordo com a Polícia Militar, as cordas que romperam durante o sobrevôo a Candangolândia deveriam suportar até duas toneladas de peso. (LL)